

PRP  
Pró-Reitoria de  
Pesquisa e  
Pós Graduação



Universidade  
Estadual de Goiás



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA  
SUPERINTENDÊNCIA DA ACADEMIA ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALTOS ESTUDOS DE SEGURANÇA  
PÚBLICA – CAESP**

**ORPHEU ANTONIO DA COSTA TELLES FILHO**

**APLICABILIDADE DOS PRINCÍPIOS DE VON CLAUSEWITZ  
À POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS**

**GOIÂNIA  
2017**

**ORPHEU ANTONIO DA COSTA TELLES FILHO**

**APLICABILIDADE DOS PRINCÍPIOS DE VON CLAUSEWITZ  
À POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS**

Artigo apresentado ao CAESP/2017, da Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária, em cooperação técnica com a Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Altos Estudos de Segurança Pública.

Orientador: Newton Nery de Castilho

**Data da Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

---

**Prof. Orientador. Newton Nery de Castilho**

---

**Prof. Avaliador: José Augusto**

---

**Profª Avaliador: Ms. Nélia Cristina Pinheiro Finotti.**

**GOIÂNIA  
2017**

# APLICABILIDADE DOS PRINCÍPIOS DE VON CLAUSEWITZ À POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS

Orpheu Antonio da Costa Telles Filho<sup>1</sup>

## RESUMO:

O trabalho ora exposto visa avaliar se os princípios de estratégia desenvolvidos pelo General prussiano Carl von Clausewitz, na época das guerras napoleônicas, são úteis às atividades desenvolvidas pela força policial ostensiva do Estado de Goiás. Com o advento da Constituição de 1988, iniciou-se um processo de desmilitarização das forças policiais brasileiras, que afastou muitos aspectos e hábitos negativos da caserna que impregnavam o comportamento do policial e impediam uma melhor interação com a população civil, mas causou a diminuição do estudo acadêmico de matérias tipicamente militares, como a estratégia. Guardadas as proporções entre os objetivos de um exército em combate ao inimigo e a atuação policial preventiva, as regras de engajamento e limitações ao uso de força letal, nota-se grande semelhança entre as necessidades logísticas, organização, comunicação e adestramento de ambas as tropas- de combate e de policiamento. Baseado nisto, foi realizada a análise dos preceitos defendidos por Clausewitz e a aferição do conhecimento teórico do corpo de oficiais da Polícia Militar de Goiás (PMGO) acerca de estratégia clássica e autores consagrados no meio militar.

**Palavras-chave:** Aplicar. Princípio. Estratégia. Polícia. Militar

## ABSTRACT:

The work exposed in this study aims to evaluate whether the principles of strategy developed by the Prussian General Carl von Clausewitz, at the time of the Napoleonic wars, are useful to the activities carried out by the ostentatious police force of Goiás state. With the advent of the Constitution of 1988, a demilitarization process of the police forces in Brazil was initiated. It eliminated many negative aspects and habits of barracks that impregnated the behavior of police and prevented a better interaction with the civilian population, but it also caused a decrease in the academic study of subjects typically military, such as strategy. Considering the scale between the goals of an army in fighting the enemy and the police action maintenance, the rules of engagement and the limitations to the use of lethal force, show great similarity between the logistical needs, organization, communication and training of both the troops of combat and policing. Based on this, we propose the analysis of the eight precepts defended by Clausewitz and the measurement of theoretical knowledge of the military police officers of Goiás (PMGO) on a classic strategy and amongst acclaimed authors in the military.

**Keywords:** Apply. Principles. Strategy. Police. Military

---

<sup>1</sup> Tenente Coronel da PMGO, Subcomandante de Missões Especiais, bacharel em Direito pela Faculdade da Universidade Federal de Goiás, bacharel e especializado em Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar de Goiás

## INTRODUÇÃO

Desde a promulgação da atual Constituição Federal de 1988, as polícias ostensivas vêm se esforçando num processo de aproximação com a sociedade civil e para tanto tendem a deixar de lado alguns traços da vida castrense que prejudiquem o contato com o cidadão.

A formação do oficialato tem focado prioritariamente assuntos afetos à vida em comunidade e foram esquecidos os modelos anteriores fundamentalmente militarizados.

Nota-se, empiricamente, o desconhecimento de autores clássicos típicos sobre ações militares pelo Corpo de Oficiais da Polícia Militar de Goiás (PMGO).

Citações e referências a Carl von Clausewitz, principalmente em obras referentes aos grandes conflitos armados, levam a classificar a obra “vom Kriege” (Da Guerra) como um bom resumo do pensamento estratégico, que pode servir de base para o equilíbrio entre as qualidades necessárias de uma corporação militarizada- rapidez, eficácia e eficiência das ações- e a contaminação por hábitos da vida civil, como o imprevisto, falta de previsão de cenários e adequação exagerada de meios não projetados para a atividade policial.

O autor alemão, já no início da obra, lembra seus leitores que o objetivo de uma força armada é “destruir” a oponente; esclarece, porém, ser tal “destruição”, na verdade, a retirada de qualquer poder ofensivo do oponente ou inimigo e não necessariamente sua eliminação física. Os de graus danos buscados, portanto, irão desde o completo extermínio do povo da nação inimiga (guerra total genocida) à simples demonstração de poder das tropas, resultando na conclusão de não ser possível ao inimigo atuar sem que sua destruição ou captura sejam certas.

Obtêm-se, então, uma clara similaridade entre os objetivos puramente militares em guerra e os policiais desdobrados em ações preventivas: o desencorajamento de cometimento de crimes pela ameaça de sua pronta captura em caso de desobediência à lei.

## 1 - CONCEITOS E TEORIAS

Em sua obra, Clausewitz descreve os princípios que norteiam as ações de uma corporação militar e pelos quais deve se guiar o comandante ao receber a ordem de agir.

Servem também de parâmetros para a escolha do tipo de oficial a ser designado para o comando, o que seja talvez sua maior contribuição para os tempos atuais, quando a liderança tem carecido de exemplos.

Ferezin, 2013, conclui ser Clausewitz completamente atual como doutrina estratégica para o Exército Brasileiro, pois não terá ocorrido mudança substancial no que se refere à guerra, desde que sua obra foi publicada.

Também admite pertinentes os princípios descritos pelo general prussiano, no referente à atualidade e coesão lógica dos estudos clausewitianos.

Foi realizada a análise de cada um deles, estabelecendo o necessário paralelo entre a realidade do combate entre nações e sua abstração para o complexo trato com a criminalidade e sua coibição pela polícia ostensiva.

Considerando-se, muito detalhadamente, as diferenças entre o esperado de uma força policial interna, de caráter protetor social e engajada na defesa de direitos humanos e civis, pode-se argumentar diversas suas missões e atribuições daquelas exercidas por forças armadas empenhadas num conflito entre nações inimigas.

Segundo a obra analisada, no entanto, “guerra é a imposição da vontade através da violência”. E o que seria a imposição da lei através da força, senão um pequeno abrandamento do princípio regente e definidor de guerra?

### 1.1 - Hipóteses de conflito e de guerra

Na avaliação da conjuntura são identificados os antagonismos, que são classificados de acordo com sua natureza. As pressões internas e externas dão origem as hipóteses de conflito, sendo as hipóteses de guerra (HG) aquelas decorrentes de pressões dominantes, impondo-se a necessidade de considerar o emprego violento do poder nacional como último recurso para a conquista e manutenção dos objetivos nacionais permanentes. (MANUAL BÁSICO, 1992, p. 299)

Em ambos os casos, guerra e imposição da lei, duas vontades se opõem; no primeiro, dois países ou nações, tentando impor um ao outro sua vontade egoísta, conforme sua conveniência, pelos meios necessários e ao seu alcance. No segundo, dois tipos de cidadãos, tentam se impor como certos, estando dispostos, igualmente, a recorrer a ardis, subterfúgios e, mesmo, a violência.

Diferem-se, aqui, tão somente as proporções em que as vontades, meios e objetivos se manifestam. Mesmo assim de forma relativa, pois, se muitas situações de guerra foram resolvidas sem o disparo de um só tiro, em diversas ocasiões crimes foram cometidos e quadrilhas foram capturadas com o uso de armas pesadas, explosivos, técnicas de emboscada e uso massivo de recursos militares como aeronaves e viaturas blindadas.

## 2 - ANÁLISE DA OBRA E APLICABILIDADE NA PMGO

### 2.1 - A estrutura da obra

A obra pesquisada tem 845 páginas, na versão E.book, que é a versão mais prática disponível, que pode inclusive ser distribuída de forma gratuita a todos os interessados, já que a obra não tem mais reserva de domínio.

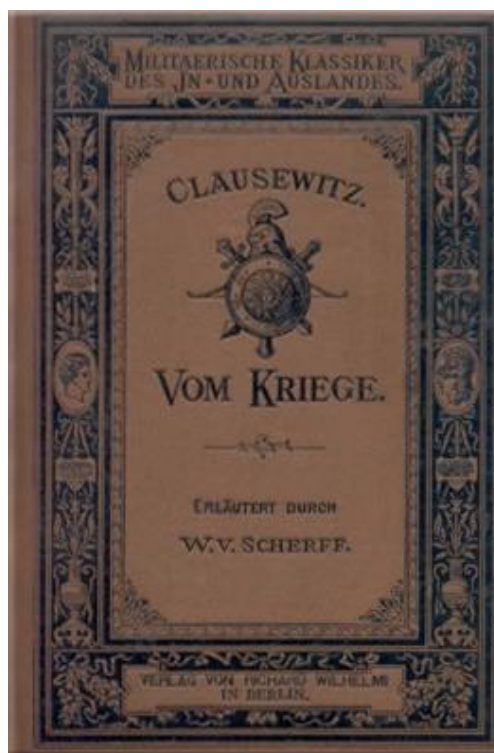


Figura 1 - Capa de uma das primeiras Edições de 'Da Guerra'  
Fonte : Imagem retirada da internet

Dessas 845 páginas, as primeiras 62 são comentários de dois autores que ajudaram na versão em inglês que foi traduzida para o português, em que contextualizam o leitor atual à realidade da época em que a obra foi escrita.

Até a página 70, ainda não se entra no corpo da obra Da Guerra, pois ainda são feitos comentários, prefácio do próprio autor e prefácio da esposa de von Clausewitz, que publicou a obra após a morte do marido.

## 2.2 - Marie von Brühl von Clausewitz

Durante a pesquisa, fez-se questão de localizar ao menos uma imagem que podemos realmente considerar sendo de Marie von Clausewitz, a viúva do autor.



Figura 2 – Marie von Bruhl von Clausewitz  
Fonte : imagem retirada da internet

Esta mulher teve bastante importância não só na vida de von Clausewitz como esposa, mas também como conselheira, coisa que na época era um fato absolutamente inédito. Foi criada numa família nobre- von Brühl é também um título de nobreza de sua família; seu pai a criou para ser realmente uma dama da corte da Polônia, que na época era muito ligada ao que hoje é chamada Alemanha.

Como tal, se formou como uma mulher acima da média de seu tempo: ela servia como conselheira do marido, conhecia atualidades da geopolítica europeia,

participava da corte que depois se tornou o Império Alemão e, após a morte do marido, que morreu precocemente, provavelmente de uma doença crônica, apesar de não terem sido encontrados registros, possivelmente sífilis; e um ano após a morte do marido, publicou a obra chamada von Kriege. Marie não só publicou, como também deu a seriedade e notoriedade que a obra atingiu.

Clausewitz, por outro lado, iniciou a carreira militar muito cedo, aos treze anos; aos quinze anos, já estava em combate. Quando chegou ao posto de tenente, conheceu a esposa.

O casal trabalhou praticamente a quatro mãos em todos os estudos estratégicos, em todas as obras de Clausewitz, culminando com Da Guerra.

### **2.3 - Fundamentação dos estudos**

Sem que fosse confirmado que a Estratégia Militar tem validade para o atual Policiamento ostensivo, não se poderia ter continuado o trabalho; morreria aqui toda a ideia.

A primeira preocupação, então foi esta; na página 05, no início da obra, percebe-se que: segundo von Clausewitz, a imposição da vontade de um Estado sobre um grupo contrário é a definição de guerra. A nação quer impor a vontade nacional contra uma nação inimiga ou oponente. Tem-se vários caminhos para isso: diplomacia, negociação... quando tudo isso falha, pode-se usar a força, portanto, pode-se ir à guerra. Isso é exatamente o que o Estado faz contra os grupos contrários à aplicação da lei. Se a nação brasileira quer viver de acordo com os ditames da lei e grupos ou pessoas não o querem fazer, a Autoridade tem a sua disposição: intimidação legal, orientação, enfim, vários recursos legais para fazer com que a lei se aplique; quando tudo isso falha, o Estado vai usar da força para que seja imposta essa lei e esse grupo contrário cumpra a lei.

Ou seja, impõe-se a vontade nacional de cumprimento da lei através do uso da força. E essa força, se for inevitável, redundará, inclusive, na eliminação física de quem não quer cumprir a lei.

Naquelas situações em que a imposição de força menos que letal é insuficiente, a autoridade acena com o uso iminente da força letal e, se necessário, faz uso dela, eliminando o meliante fisicamente. Um exemplo é o cidadão, que não pode roubar; mesmo assim, ele rouba, apesar da prevenção, do patrulhamento. É pego em

flagrante roubando, a autoridade dá-lhe voz de prisão e ele resiste armado; o policial reage à resistência armada e elimina fisicamente o infrator da lei.

Tecnicamente, é o mesmo que acontece na guerra.

Ao contrário do que se pensa antes do estudo da estratégia militar, a guerra não é simplesmente a eliminação física da outra nação ou a destruição do exército inimigo. A guerra se inicia com movimentação de tropa, demonstração de força, imposição de poder, projeção de poder e, se houver o engajamento e combate, até as últimas consequências, um dos lados será destruído. Exatamente o que acontece com a segurança pública, mas em menor grau.

Acredita-se, então estar provado que o atingimento desses objetivos pode se beneficiar do uso da estratégia militar para o policiamento ostensivo, dentro dos princípios que Clausewitz discorre em sua obra.

#### **2.4 - Resenha da Obra**

Logo no Livro 1, Pg. 74, de Da Guerra, encontra-se a base para o entendimento dos estudos levados a efeito pelo general prussiano acerca dos conflitos armados entre nações, a que chama simplesmente GUERRA: “[...] um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade.”

Substituindo a palavra inimigo por termos mais adequados à atual cultura ocidental de estado de direito como “agressor da sociedade”, “infrator da lei”, “contraventor”, etc, tem-se uma perfeita definição do policiamento ostensivo preventivo, conforme depreende-se de Poder de Polícia:

É o conjunto de atribuições inerentes à administração pública para condicionar ou restringir, nos limites da lei, o exercício de direito ou da liberdade, tendo em vista o interesse público, conforme legalmente definido. Trata-se, portanto, de forma especial de que se reveste a força coercitiva para estabelecer equilíbrio entre o interesse público e o exercício de liberdades e direitos individuais. É o fator indispensável à convivência humana em sociedade jurídica e politicamente organizada. O poder de polícia constitui faculdade inerente à atuação de todos os órgãos da expressão política, que tenham competência para disciplinar a vida social, restrições impostas ao exercício dos direitos individuais, e não corresponde a uma estrutura ou a um sistema de órgãos específicos.  
(MANUAL BÁSICO, 1992, p. 83)

Reforça, von Clausewitz, pouco mais adiante, que “Impor nossa vontade [ou a lei, conforme o paralelo ora traçado] ao inimigo constitui seu propósito.”

À Pg 78, outro princípio muito atual, aplicável sem ressalvas à segurança pública, é o do Emprego Máximo da Força, definido como “a totalidade de meios à sua disposição e a força da sua determinação.” A confirmação vem do Manual de Polícia Comunitária, conforme se lê abaixo:

Schimidt de Oliveira, 18, relaciona a segurança pública às concepções equivocadas apontadas:

A criminalidade é uma doença, um câncer, que deve ser extirpado do corpo social e à polícia incumbe à tarefa de acabar com a criminalidade e restabelecer a paz. Não há sociedade sem crime, portanto, acabá-lo é, pois, meta inatingível. O que é possível é mantê-la em níveis aceitáveis, que serão coerentes com a realidade social. E essa tarefa **não é só da polícia**. É preciso resgatar a visão do todo. (POLÍCIA COMUNITÁRIA, 2013, p. 62 )

Novamente, encontra-se às Pg. 79 a 81, o reforço dos princípios diretores da atuação da sociedade na manutenção da paz, quando descreve não ser, a guerra, um único golpe brusco; todo um conjunto de medidas deve ser planejado, desde a preparação do combatente até a mobilização da população, em prol de uma causa comum. Também afirma não ter a guerra um resultado definitivo, tal como os problemas sociais, que devem ser trabalhados a longo prazo. Ouve-se, aqui, os ensinamentos de Clausewitz ecoando nas diretrizes de polícia comunitária, base do policiamento ostensivo goiano.

Nas páginas 147 a 149, Clausewitz inicia a crítica breve mas contundente dos esforços anteriores e, até então vigentes, de se enquadrar os princípios da ação militar, como: a superioridade numérica, o abastecimento e suporte médico das tropas, a escolha de local para instalação de base de operações e o traçado de linhas físicas de deslocamento das tropas e meios no terreno às regras matemáticas e geométricas.

A influência do acaso, a esperada reação do inimigo e outras variantes independentes da vontade do planejador e, por vezes, inesperadas, tornou o esforço acima completamente inútil e, daí, estabelece a necessidade de repensar o combate levando em conta tais variáveis.

O general prussiano coloca, então, a figura do gênio militar, descrita neste Artigo, no centro do raciocínio desenvolvido à frente. Tal gênio, hoje conhecido por “líder, comandante ou estrategista”, levará em conta os fatores imponderáveis até então ignorados pelos analistas e pesquisadores da arte militar.

Justifica sua linha de pensamento, à Página 150, comparando a materialidade dos instrumentos utilizados por pintores e escultores e à subjetividade do julgamento estético de seus trabalhos, Também traça paralelo com a atividade médica, que estuda os fenômenos naturais relacionados a doenças, mas acaba por se deparar com fatores de ordem psiquiátrica ou psicológica como causas de enfermidades.

Iniciando, portanto sua nova avaliação dos princípios norteadores da guerra, von Clausewitz passa a considerar os valores morais – no sentido militar da palavra, condição psicológica da tropa; diverso do sentido de conduta ilibada- esclarecendo que deve, sim, ser levado em consideração pelo comandante, mas como um já conhecido fator experimentado por todo combatente, mas nunca como uma abstração filosófica. Traça, a partir daí, seu estudo da contraposição de forças morais e sentimentos hostis, descreve o valor da coragem em contraposição ao perigo inerente à atividade, e segue até a Pg. 152, quando passa à apreciação das qualidades intelectuais.

Como, por si, cada ser humano é dotado de diferentes talentos e capacidades, surgem inúmeras alternativas para a solução de um mesmo problema. Lembrando-se do antagonismo entre dois gênios militares, as opções se multiplicam, a ponto de justificar a impossibilidade de estabelecer-se uma “doutrina categórica”.

Na mesma Pg. 153, passa a estudar duas soluções para o dilema: em primeiro lugar, abandona a ideia de que regras sejam rígidas e totalmente aplicáveis a todas as situações; em si, tal assertiva rompe com as tentativas anteriores- fracassadas- de se reduzir os princípios da guerra a fórmulas matemáticas inalteráveis e infalíveis. Em seguida, esclarece que o ESTUDO e não a DOCTRINA é que devem nortear a condução da guerra. É a conclusão da primeira assertiva, acima descrita, apenas sublinhando a necessidade de tratar-se os assuntos referentes aos conflitos armados como objetos de permanente estudo científico, mas sem a conclusão e finalização pelo traçado de linhas definitivas de ação e sua vinculação a resultados certos e obrigatório, como acontece nas ciências exatas.

Ao chegar à Pg. 156, portanto, o general apazigua o conflito entre a teoria e a dura realidade dos combates, harmonizando o conhecimento científico e academicamente adquirido sobre o assunto e sua aplicação prática como guia dos planejadores e decisores, não mais como um conjunto de regras e fórmulas a serem aplicadas automaticamente.

O autor passa a enumerar a partir da Pg. 157 os elementos que devem ser estudados pelo estrategista para estabelecer as bases sobre as quais se realizará o planejamento das ações: o terreno, horário, condições do clima, os fins e os meios estratégicos, novos meios criados pelas condições anteriores, o tipo de conhecimento e formação cultural dos grandes comandantes (demonstrando serem os mais simples e práticos os melhores, em contraponto à erudição exagerada e eivada de detalhes inúteis).

Será este último elemento, talvez, o maior ensinamento de Clausewitz às futuras gerações e o maior argumento para a adoção da obra em análise na formação dos novos Oficiais da PMGO.

Chega-se ao capítulo três da obra, na Pg. 164, com a discussão entre adotar-se o termo ciência ou arte para a definição do estudo da guerra. É uma discussão lógica, iniciada quando demonstradas as deficiências das tentativas de reduzir a guerra a uma coleção de fórmulas e cálculos matemáticos.

Afirma, na Pg. 165, que mesmo o conceito de arte não se adequa perfeitamente à definição necessária; relações humanas seriam mais perfeitamente descritivas para tal, o que confirma a tese de ser muito aplicável a obra à atualidade da PMGO, pois é esta a seara da Força Pública Goiana.

O Método e a Rotina são submetidos a estudo a partir da Pg. 167, no Capítulo 4, demonstrando serem negativos, pois revelam as intenções ao inimigo, apesar de facilitarem o treinamento, planejamento e execuções das operações. Na PMGO, tal fenômeno tem sido aproveitado por quadrilhas organizadas e por meliantes de pequeno calibre; novamente, percebemos a validade de um ensinamento clauzewitiano à realidade do policiamento.

O Capítulo 5, trata do estudo da análise crítica a que devem ser submetidas as ações militares, lançando as bases utilizadas hoje para mensuração de resultados e correção de desvios, não só por militares, mas por todas as empresas e serviços públicos bem sucedidos. A partir da Pg. 177, ilustra a importância da análise crítica desprovida de intenções desmoralizantes, mas com objetivos científicos, descrevendo erros e acertos de diversas campanhas europeias recentes (para sua época). Por si só, tal leitura enriquece o cabedal de conhecimentos do leitor pela riqueza de dados históricos e ensinamentos táticos e estratégicos.

Reforçando a noção de que tal análise não busca detectar culpados ou denegrir os responsáveis pelo insucesso, à Pg. 186, o general esclarece estar sujeito a cometer erros também aquele que faz a crítica de ações militares e os identifica.

O Capítulo 6, a partir da Pg. 190, enumera os exemplos históricos dos quais podemos retirar ensinamentos profundos sobre a arte de comandar e conduzir conflitos armados ou ações dissuasórias. Inicia afirmando ser, em proporção considerável, o conhecimento empírico o maior peso intelectual do profissional das armas. Tal se dá, não por ser de pequena importância o saber técnico/ teórico, mas pela necessidade de experimentar pessoalmente os efeitos do perigo, agruras e privações antes de os enfrentar em situação real. Neste aspecto, nenhuma abstração acadêmica seria capaz de selecionar e forjar o combatente.

Os exemplos, portanto, devem servir de base à preparação do futuro combatente, assim como do futuro comandante, fornecendo uma base mais sólida acerca da realidade que será enfrentada. Diz, ainda, Clausewitz, que quanto mais próximo o exemplo estudado, maior sua valia, devido à similaridade de meios e realidade global enfrentados. A história antiga pode auxiliar, mas apenas em aspectos gerais, não devendo ser levada demasiadamente em consideração.

Pode-se considerar que se vê, aqui, uma crítica involuntária ao estudo exclusivo de SunTzu, que não era conhecido na Europa clausewitiana.

O Livro 3, Pg 198, tem como título a “Estratégia em geral”. Afirmando ser o modo como se dirige o engajamento (o contato entre as forças oponentes). A princípio, a estratégia trataria apenas deste momento, mas num mais profundo estudo, Clausewitz estabelece que deve tratar, antes do planejamento para o engajamento. Nasce, aqui, a moderna definição: para engajar o inimigo da maneira mais favorável, o comandante precisa preparar-se e às suas tropas ou simplesmente estará lançando recursos à batalha de forma irresponsável.

O autor remete aos detalhados elementos descritos no Capítulo Um, para reforçar a necessidade de características mentais especiais do comandante ou governante para manter tudo sob controle durante o desenrolar das ações. Novamente, é reforçada a importância do que chama “gênio” na condução de tropas e a necessidade de esmerada seleção dos oficiais superiores é então justificada.

Como no capítulo anterior, é ilustrada a tese com as campanhas de Frederico, ousadas e arriscadas para a época, mas que demonstram claramente o caráter ideal do comandante que avalia os perigos e permanece firme até o êxito.

Nova análise de exemplo histórico é feita, a fim de esmiuçar o acerto e erro decorrente de cada avaliação e preparação bem ou mal feita, nas Pg.204 e 205.

A seguir, classificam-se os elementos da estratégia: morais, físicos, matemáticos, geográficos e estatísticos. A descrição e análise acadêmica de tais classificações demandariam muito mais do que o comportado e pretendido pelo presente artigo, pelo que apenas fazemos menção de serem dedicados os seguintes Capítulos do Livro 3 a suas completas descrições e valorações. Podemos adiantar, porém, ser de importância fundamental o conhecimento década um desses elementos pelo oficial de qualquer força armada ou líder responsável pela vida de seus subordinados.

Um aspecto, no entanto, merece destaque no ponto a que chega o presente Artigo: é na Pg. 222 que o Princípio da Superioridade Numérica (ou de Força) Relativa tem seu nascimento. Base da “blitzkrieg” alemã, no início da segunda guerra mundial, é levada em consideração até hoje em qualquer planejamento militar.

Outro fator conhecido fora dos domínios da arte militar é o da surpresa, tratado no Capítulo 9, Pg. 225. Aparentemente utilizado para atingir o fator de superioridade numérica no ponto crucial desejado, tem efeito tão devastador no moral inimigo que mereceu um Capítulo exclusivo para seu estudo.

A dissimulação, cujo estudo é iniciado na Pg. 230, pode ser o maior auxiliar da surpresa; utilizados em harmonia, multiplica o efeito de qualquer ação agressiva, confundindo e desarmando o oponente. Pode ser classificado como uma das táticas mais eficazes para aplicação pela polícia militar, pois reduz a um mínimo a chance de reação do meliante, que poderá, então, ser capturado sem violência. Deve, no entanto, na opinião de Clausewitz, ser usada com parcimônia, sob o risco de se gastar mais recursos com o convencimento do oponente sobre a dissimulação do que o emprego direto da força poderia permitir.

Da Pg. 231 até a Pg. 243, o estudioso prussiano fornece os ensinamentos mais adequados para o planejador de policiamento ostensivo/ preventivo, discorrendo detalhadamente sobre o manejo das Forças: sua concentração no espaço, a unificação das forças no tempo, Pg. 238, a reserva estratégica, Pg. 240, a economia de forças, Pg. 241 e finaliza demonstrando a importância do fator geométrico na movimentação das forças. O estudo e absorção de tais princípios podem aumentar a consciência situacional do comandante, otimizando a utilização dos recursos.

A Interrupção do Combate na Guerra, título do Cap. 16, Pg. 244, apesar do início aparentemente dramático, nos traz, pelo meio do desenvolvimento do assunto, não só uma admirável atualidade como um motivo para considerar totalmente aplicável a obra à PMGO: tem-se a noção de que uma guerra seja uma interminável coleção de combates sucessivos, até o extermínio de uma das partes. A realidade, porém, vivida pelo autor e sabida por todo policial - militar ou não- é que as condições, normalmente, levam à atividade de um dos atores e à passividade do outro. O combate, engajamento, enfrentamento, são exceções; se decisivos e muitas vezes dramáticos, estão separados por longos períodos de deslocamentos de forças, preparação e espera.

Em tempos excepcionais, portanto, a regra da guerra controlada, em que os embates sangrentos são ocasionais e de cunho diplomaticamente armado, o cenário sofre uma transformação selvagem. Vivia ,von Clausewitz, sob a memória das batalhas napoleônicas, cujo fumo das armas ele respirou pessoalmente, sobrevivendo para trazer- nos suas impressões e resultados da meditação madura representado por Da Guerra. Na Pg. 248, anuncia a guerra travada de forma total, em que não mais se faziam movimentar as tropas com objetivos secundários ou exibiam- se as forças antagônicas a fim de melhorar as condições de negociação; Napoleão trouxe a guerra de conquista e o uso total da máquina guerreira, tomando a Europa de surpresa e despreparada para uma guerra séria e com propósito imperialista.

A atualidade do alerta de Clausewitz é chocante num momento em que cidades interioranas se veem à mercê de bandos fortemente armados, explodindo agências bancárias e metralhando destacamentos e delegacias policiais!

Até mesmo a resposta a uma mudança radical da estabilidade social pode ser aprendida da leitura da obra em análise, mesmo passados tantos anos.

As Características da Guerra Contemporânea, Pg. 249, trata da mobilização nacional quando é ameaçada por um inimigo disposto a tomar pela força seu território. Vislumbram- se, aqui, os princípios do policiamento comunitário, que preconiza a participação ativa da população atingida pelo crime, estimulando- se a cidadania e colaboração de todos os entes de governo em prol da paz social e prevenção (quando não, da imediata repressão a atos criminosos).

Curiosamente, o autor exalta o armamento da população e sua ação de insurreição contra os invasores napoleônicos, que tantos resultados conseguiram na Espanha.

Tensão e Inatividade, Pg. 251 a 254, discorre sobre a radical diferença entre ações executadas em situação de calma e a gravidade e resultados totalmente diferentes quando aquela mesma ação é levada a efeito durante uma fase de tensão.

O Engajamento, Introdução, Pg. 255, como era de se esperar numa obra do século 19, descreve a clássica manobra de infantaria e seus percalços trazidos pela tecnologia da época. Interessante historicamente, mas talvez o único trecho não aplicável integralmente aos dias de hoje ao policiamento ostensivo. O desenvolvimento do assunto, porém, retoma a atualidade dos princípios de Clausewitz quando estabelece os objetivos a serem alcançados por aqueles que se enfrentam. A neutralização do oponente, seja pela sua extinção ou pela rendição, é também o esperado pela atuação de uma polícia ostensiva preventiva e repressiva quando necessário.

A diferença fundamental entre a doutrina policial e a militar, neste caso, é que as regras emanadas por essa parte da obra tratam da ação repressiva da polícia, quando necessário se faz o enfrentamento de criminosos que agiram em desacordo com a lei e se negam à rendição pacífica. Fazendo-se necessária uma ação tática, é nessas páginas que os princípios devem ser procurados: importância de reservas, perda de terreno, perdas excessivas na ação, forças físicas e morais, consolidação de conquista, efeitos psicológicos e a quantidade de pessoal e material capturado, são estudados em detalhe, ao final elencando os três parâmetros para aferição da conquista de uma vitória num engajamento, primeiro: A maior perda de poderio material do inimigo. Segundo: A sua perda do moral. E o terceiro: O seu reconhecimento explícito dos elementos acima, renunciando às suas intenções. (P. 268)

No quinto capítulo, nomeado: “A Importância do Engajamento”, a partir da Pg. 270, traça um paralelo entre a atual importância que o profissional de segurança dá ao enfrentamento armado ao meliante e o sentimento de ser esse o objetivo do militar na guerra. Cuida, porém, de analisar os perigos inerentes a tal situação, inclusive demonstrando que a destruição (no sentido de captura, para o policial) pode não ser o único ou mesmo nem fazer parte dos objetivos intencionados pelo ordenador do engajamento. Até mesmo um falso engajamento pode ser planejado, a fim de disfarçar uma ação maior. Os critérios para a perceber a decisão do engajamento são tratados a partir da Pg. 275, mas em situação policial, seriam desnecessários, visto terminarem com a captura ou neutralização do oponente. Podem, no entanto, ser úteis à decisão de interromper buscas em ambientes hostis; retrain ou reforçar tropas de choque

diante de manifestantes demasiadamente agressivos. Os Capítulos seguintes evoluem a análise para o nível de batalha. Os “Efeitos da Vitória”, Pg. 291 e seguintes, muitas vezes desprezados pela polícia ostensiva: após uma captura importante, perde o contato com o caso, por ter competência limitada à detenção. Não avalia-se os desdobramentos daquela ação, o que Clausewitz demonstra ser um grave erro militar e certamente causa prejuízos à segurança pública por não vincular uma ação presente às futuras demandas.

No Capítulo Onze, “A Batalha - Continuação: A Utilização da Batalha” encontra-se o melhor resumo dos objetivos do combate, facilmente adaptados à realidade da polícia atual, bastando substituir as palavras ‘destruição’ e ‘batalha’ por prisão e operação:

1. A destruição das forças inimigas é o princípio primordial da guerra e, no que se refere a uma ação ofensiva, a principal maneira de atingir o nosso propósito.
2. Esta destruição de forças *normalmente* só pode ser realizada através do combate.
3. Somente os engajamentos de vulto, envolvendo todas as forças, levam a um grande êxito.
4. Os maiores êxitos são obtidos onde todos os engajamentos fundem-se numa grande batalha.
5. Somente numa grande batalha o Comandante-em-Chefe controla pessoalmente as operações. É perfeitamente natural que ele prefira confiar o comando da batalha a si mesmo. (CLAUSEWITZ,S/A, p. 297)

Conselhos táticos muito úteis, como a utilização de forças ligeiras na perseguição cuidadosa ao oponente derrotado e em fuga, o zelo excepcional em operações noturnas, realizadas apenas por tropas especializadas e com objetivos muito valiosos a serem atingidos, servem, inclusive, para o policiamento convencional e alerta contra o entusiasmo causado pelo êxito numa ação ocasional ou mesmo numa operação de vulto, cuidadosamente planejada. Encontram-se tais pérolas, exemplificadas por descrições de batalhas da época, no Capítulo 12, Pg. 302 a 312.

Especialmente instrutivo é o Capítulo 03, Pg. 316, onde o autor delinea as características das Operações Noturnas. Cada vez mais, tais ensinamentos têm se revelado primordiais, visto se à noite que os mais graves crimes ocorrem, geralmente perpetrados por quadrilhas fortemente armadas e que demonstram conhecer táticas militares.

As Forças Militares são esmiuçadas a partir da Pg. 320, no Capítulo 5, onde o efetivo, organização, manutenção, a relação entre elas e o terreno, além das definições de teatro de operações, superioridade relativa, relação de custo benefício entre as diversas modalidades de combatentes e equipamentos- Pg. 328, detalhadamente estudados, representam o maior valor da obra analisada para os níveis superiores da Corporação. Igual interesse do alto escalão, deve ser despertado pelos Capítulo 05, Pg. 335 e 06, Pg. 341 que tratam, respectivamente, da Formação de Batalha e da Disposição Geral do Exército e do terreno, um criterioso estudo sobre a cadeia de comando e sua organização. Note- se que assuntos como alojamentos, marchas e grupos avançados são aqui também mencionados, mas de importância secundária para organizações policiais atuais.

O Terreno, Capítulo 17, Pg. 406, retorna ao interesse do planejador policial, pois até mesmo o treinamento e especialização das tropas devem ser a ele adequadas. Conceitos como o domínio de elevações, ataque e defesa, o fogo cruzado sobre oponente, fortificações- ainda hoje utilizados na segurança de instalações governamentais e de áreas críticas- podem parecer excessivamente militares aos não iniciados, mas qualquer comandante de fração conhece seu real valor.

Até mesmo o conceituado termo “Chave para a conquista de um país” é desmistificado por von Clausewitz, que explica ser um exagero traçar um plano de ação baseado tão somente em tal princípio. Ao longo do Capítulo 23, o prussiano demonstra o erro de basear toda uma estratégia na importância muitas vezes relativa de apenas uma área ou ponto geográfico. Coincidentemente, tem ocorrido tal concentração de esforços em determinada as cidades ou bairros, em detrimento de outros, muito provavelmente em decorrência do mesmo engano que acometia os generais da era napoleônica. Segundo o autor, a verdadeira “chave” é o exército inimigo; no caso de forças policiais, o fora- da- lei.

O Capítulo 26, Pg. 567, dá notícia de uma polêmica atual já existente naqueles tempos: “O Povo em Armas” inicia com a declaração de haver discussões acerca de armar- se ou não o povo de um País! Desde então, as autoridades preocupavam- se com o tema, argumentando da mesma forma que ocorre hoje. A semelhança é incomodadora. Mas Clausewitz evita o caráter político do tema, debruçando- se sobre as vantagens e desvantagens de uma guerrilha defensiva movida pelo povo comum previamente armado por seu governo, em caso de invasão.

Depara-se, entre as Pg. 575 e 619, com o detalhamento de todas as formas de defesa de território inimigo. A vasta leitura, muitíssimo adequada à ação do Exército, mais que à força policial ostensiva- salvo em caso de invasão do território brasileiro, quando torna-se força auxiliar- contém poucos, mas interessantes ensinamentos aproveitáveis no serviço rotineiro policial preventivo. Seu estudo, porém, não caberia a um artigo científico, pelo que anota-se o trecho para maior aprofundamento posterior, pois é necessário traçar o paralelo entre o narrado por Clausewitz e a atualidade da defesa social contra a criminalidade, a cada item.

O Ataque, Título do Livro 7, da Pg. 620 à 645, interessa mais ao comandante policial, uma vez que instrumentos facilmente aplicáveis à localização e captura de meliantes são aqui tratados: batalha ofensiva (operação de saturação), ataques a posições defensivas (suspeitos barricados), a acampamentos entrincheirados (caçadores ilegais), a região montanhosa (Chapada dos Veadeiros), a linhas de defesa (manifestantes agressivos), manobras (cerco a fugitivos em áreas rurais ou urbanas), pântanos, áreas alagadas e florestas (policiamento ambiental).

No Capítulo 20, Pg. 667, um tópico desperta especial interesse às ações táticas para resolução de crises geradas pela tomada de reféns ou por amotinamento de detentos em presídios. As ações diversivas, preparatórias às operações de força, que o autor denomina “Diversões”.

O Capítulo final da obra, oito, Pg. 681, explica o mais crucial assunto para o comando de uma corporação, seja ela militar ou não: o planejamento, denominado aqui como “Planos de Guerra”. Inicia o autor com um resumo de toda sua obra, rememorando os princípios detalhados, novamente trazendo ao foco os combates daquela época e recentes (para Clausewitz). Em tal revisão de conceitos é que se encontra a célebre frase sobre ser a guerra, a continuação da política, por outros meios, à Pg. 717; para compreender a extensão e magnitude de tal frase, mal interpretada por muitos, é necessária a cuidadosa leitura de todo o Livro Oito, ou ao menos o Capítulo em que se insere. Quis o autor, não deificar a guerra como resolução última dos problemas políticos, mas indicar sua subordinação total à política. A mesma relação restringe as ações policiais às diretrizes de governo, não sendo elas independentes ou soluções únicas para a segurança e paz social.

A Pg. 732, Item 1, contém um sintoma do que se passa atualmente na segurança pública, marcando a atualidade e consonância de ‘Da Guerra’ à PMGO:

afirma o autor ser tarefa difícilima vencer quando um dos aliados não está plenamente empenhado com a causa comum. A política de polícia comunitária, universalmente adotada como a mais adequada, preconiza justamente a união dos diversos entes sociais para a solução das mazelas causadas pelo escalar do crime. É exatamente a falta de empenho de vários atores sociais o que mais vem determinando o fracasso da sociedade no enfrentamento aos elementos agressores.

Clausewitz destaca na Pg. 757- talvez involuntariamente- em meio ao esboço de um plano hipotético de invasão da França, quão crucial é o estabelecimento de poucos objetivos, simples e claros: diz estar a França pós napoleônica procurando, a um século e meio, “atingir cinquenta propósitos diferentes, nenhum deles suficientemente importante para superar a inércia a fricção e os interesses externos”. A lição retirada desse trecho é lapidar para o planejamento de graves situações de segurança.

Finaliza a obra, falando da situação da então federação alemã, porém brindando seus leitores com uma pérola atualíssima, na mesma Pg. 757: “A unidade é de qualquer modo impossível nestas condições, e o homem que sacrifica o possível em busca do impossível é um idiota.” [grifo nosso]

Conforme demonstram as respostas aos questionários aplicados, os Oficiais Superiores da PMGO desconhecem a obra focada por este trabalho, poucos ouviram falar do autor, apesar de considerarem a estratégia essencial para as atividades PM.

Dos que leram alguma obra sobre o assunto, apenas a obra atribuída a SunTsu, “A Arte da Guerra” foi citada, tendo sido indicada por amigos ou lida por iniciativa própria, não tendo sido indicada por instituição policial.

Apesar de muito conhecida nos meios empresariais e ter seus preceitos utilizados com sucesso, A Arte da Guerra é um livreto de cerca de 50 páginas, escrito a partir da compilação de vários generais chineses que atuaram em combates no período estimado entre os 6.000 e 2.000 antes de Cristo.

Muito mais adequada uma obra ocidental, de autor certo e de reconhecida experiência em todas as funções do oficialato, desde intendência e ensino em escola militar, artilharia, estado maior de tropas combatentes e experimentado nos campos de batalha europeus, que viveu numa das mais significativas da história mundial, para traçar princípios de estratégia e seleção de futuros comandantes.

## **2.5 - Resumo sobre a aplicabilidade da obra à PMGO**

Existem oito princípios básicos, que são discutidos em livros, também em número de oito, subdividindo-se cada um deles em outros tantos. Foram analisados neste trabalho apenas os mais relevantes, devido à extensão da obra.

2.5.1 - Política e Guerra: toda ação de imposição de força do Estado começa numa decisão política. Exatamente o que acontece com a segurança pública; não se lança policiamento nas ruas aleatoriamente. Se faz isso considerando os objetivos políticos do Estado, qual região deve ser priorizada, qual tipo de crime deve ser combatido com mais veemência, etc. Tudo parte do mandamento político para que se desdobre a tropa em guerra ou no policiamento ostensivo.

2.5.2 - Gênio Militar: o mais importante princípio de Clausewitz, logo no início da obra, depois do vínculo entre guerra e política. É fundamental na formação do oficialato, tanto na polícia Militar, como para os Bombeiros Militares, Delegados de Polícia ou Chefes de Departamentos de Polícia Científica.

É a diferenciação entre chefia e liderança. Deixa claro o que é o Gênio Militar: é aquele homem ou mulher preparados, vocacionados, com pendor para exercer a liderança de uma tropa. Esse é o maior pecado que comete-se na formação de líderes: usa-se muitos recursos psicológicos, mas não fundamentamos tradicionalmente o que é liderança.

### **2.5.3 - Artes Militares:**

2.5.3.1 - Estratégia em geral: são os recursos táticos e estratégicos que estão à disposição do líder para o cumprimento de sua missão: tropa, moral da tropa, os recursos e como devem ser aplicados.

2.5.3.2 - Engajamento: termo ainda hoje utilizado para definir o contato entre as forças antagônicas. A forma como se vai buscar ou não esse engajamento; como se escolhe a hora, o momento e o lugar adequados para o enfrentamento direto quando outras táticas de prevenção falham.

2.5.3.3 - Forças Militares: tipos de forças, do que elas precisam, distribuição delas no terreno, abastecimento, tipo de treinamento, especializações, o que é extremamente interessante para quem veste farda e trabalha de forma ostensiva.

2.5.3.4 - Defesa: o que Clausewitz diz sobre defesa, pode-se ver aplicado ao policiamento ostensivo preventivo: muito mais fácil cercar a sociedade de cuidados do que esperar um ataque e depois reagir.

2.5.3.5 - Ataque: ação tipicamente repressiva de tropa especializada como a ROTAM, principalmente, que é a tropa especializada de pronto emprego de emergência. Elenca os riscos e como se deve empregar esse tipo de tropa.

2.5.3.6 - Planos de Guerra: não se pode falar em oficialato superior sem conhecer pelo menos esse capítulo da obra. Clausewitz coroa tudo, enfeixa todo o trabalho que um Estado Maior de uma corporação deve fazer para que a tropa funcione a contento e se evite desperdício e se tenha maior eficiência e qualidade.

## **2.6 - Resultados do questionário**

Objetivo do presente questionário localizado no Apêndice - A deste projeto foi avaliar os conhecimentos de nossos Oficiais Superiores acerca de autores clássicos de estratégia militar e medir a adequação de tais ensinamentos à realidade da Polícia Militar frente às missões de segurança pública.

Foi distribuído pela rede interna de computadores da PMGO, à qual têm acesso todos os 323 Oficiais Superiores da corporação.

Foram respondidos 17 questionários, representando aproximadamente 7 % do universo de pesquisa.

Os totais abaixo são o somatório das respostas, bem como a lista de obras similares conhecidas pelos Of Sup que responderam.

1 - Postos: 09 Majores, 06 Tenentes Coronéis e 02 Coronéis, todos do Quadro de Oficiais Combatentes (portanto, em funções de comando)

2 - Média de 26 anos de serviço ativo. Todos bastante experientes no serviço PM.

4 - Conhece um autor alemão chamado von Clausewitz ?

NENHUM leu obra de Clausewitz; 08 ouviram falar do autor e 09 não conhecem

5 - Já leu alguma das obras abaixo, sobre estratégia militar ?

A Arte da Guerra foi lido por 14.

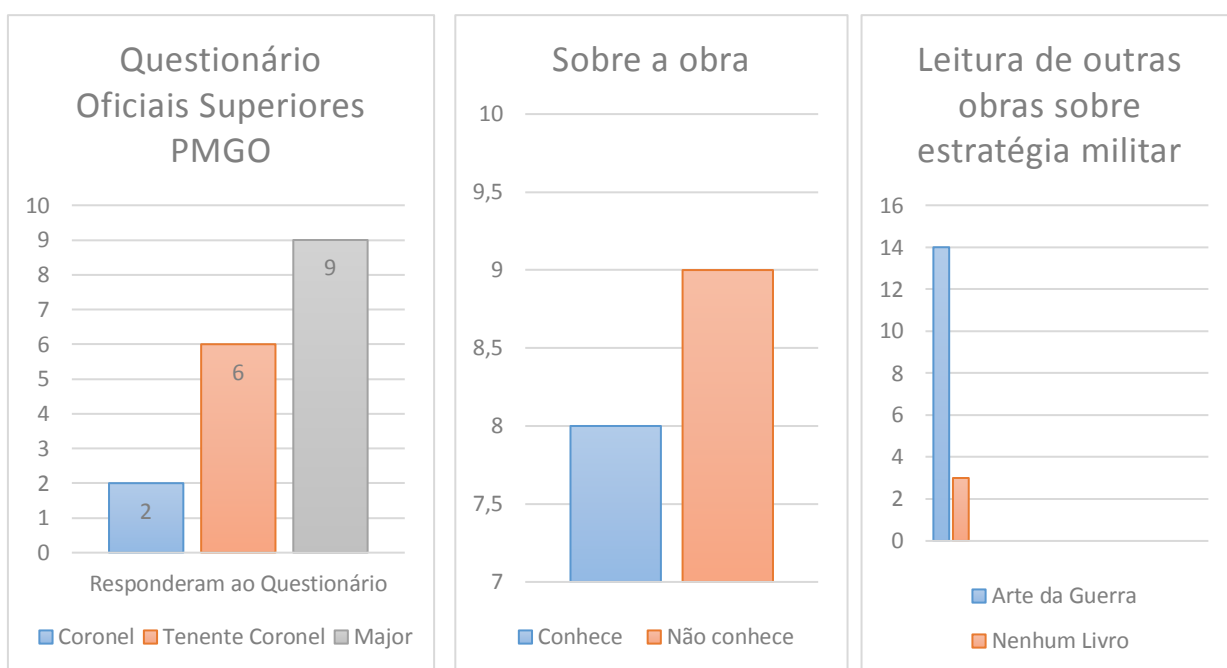
Os outros 03 militares Não leram nenhuma obra sobre estratégia militar

Dos que leram A arte da Guerra, apenas 02 militares tiveram acesso a 03 outras obras, sendo que um deles leu História da Guerra do Peloponeso e Portões de Ferro. O outro leu Estratégias Militares de Roma- As Novas Tecnologias

6 - Dos que leram a obra atribuída a Sun Tzu, 02 o fizeram por indicação de Instituição de Ensino da Polícia Militar, 01 por Faculdade civil, 07 por sugestão de amigos Amigos e 07 por iniciativa própria.

7 - Classificaram como essencial a estratégia para as ações de polícia ostensiva 12 dos militares e 05 como importante:

8 - Consideraram as atuais técnicas de policiamento utilizadas pela PMGO insuficientes para alcançar os objetivos estabelecidos 12 militares e apenas 05 como suficientes.



## CONCLUSÃO

O trabalho científico propõe que a polícia Militar de Goiás retome o que de melhor pode fornecer à sociedade do modelo ostensivo de policiamento, sem retirar o espírito de cidadania e proximidade com a sociedade, adquiridos desde 1988.

A otimização da aplicação dos meios disponíveis, bem como o aumento da rapidez nas respostas esperadas pela sociedade demonstrarão ser um forte instrumento para amalgamar ainda mais a Polícia Militar e o povo goiano.

Os estudos da Obra 'Da Guerra', de Carl von Clausewitz são comprovadamente úteis para que a eficiência das ações policiais seja aumentada, teremos atingido nosso objetivo.

Considerando a disponibilidade da obra em versão digital, sem custos, torna possível sua aquisição por todos os militares. Tal versão foi a utilizada no presente trabalho científico, sem prejuízo acadêmico, a não ser a ausência do ano de sua publicação, ausente nas citações.

Sugere-se, portanto, a inclusão da obra como referência didática nos cursos de Formação e Aperfeiçoamento dos futuros Oficiais da Polícia Militar de Goiás e, no que for cabível, o emprego de tais princípios no planejamento e execução das atividades de policiamento ostensivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

GOIÁS. **Constituição do Estado de Goiás de 1989**. Disponível em: [www.gabinetecivil.goias.gov.br](http://www.gabinetecivil.goias.gov.br). Acesso em 19 de abril de 2017.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Edição eletrônica, sem indicações bibliográficas. Original publicado em 1832, na Alemanha.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

**Curso Nacional de Multiplicador de Polícia Comunitária**. Secretaria Nacional de Segurança Pública. 5ª Ed. p. 27,28 e 32. Brasília, 2013.

CASSAL, Sueli Barros. **A Arte da Guerra**. L&M Editores, Col L&M POCKET, Vol 207, Porto Alegre, 2006.

**RECEPÇÃO DE CLAUSEWITZ NO EXÉRCITO BRASILEIRO: DA GUERRA FRIA AO PÓS GUERRA FRIA**. Revista de Ciência Política, vol. 22, n. 1, jan/jun. 2013. Ferezin, Carla Cristina Wrbieta. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1014>

MARINO, Andreza Emília. i. economia.ig.com.br.**experiências mudam rotina dos executivos**. 14/02/2009, 10:10:36. Acesso dia 16Maio2017, às 1500h

## APÊNDICE – A

### QUESTIONÁRIO

Objetivo do presente é avaliar os conhecimentos de nossos Oficiais Superiores acerca de autores clássicos de estratégia militar e medir a adequação de tais ensinamentos à realidade da Polícia Militar frente às missões de segurança pública.

O resultado da apuração ora solicitada constará de Artigo Científico que explora obra internacional que trata do assunto. Caso interesse a V Sa, disponibilizaremos cópia do referido estudo assim que avaliado pela Banca do CAESP 2.017.

Agradecendo a atenção e tempo dispensado, solicitamos o preenchimento e retorno do questionário abaixo.

Ten Cel PM COSTA TELLES,  
Aluno CAESP 2.017  
Email: cme3@pm.go.gov.br  
Fone: (062) 99644.7303  
Sub Cmt de Missões Especiais

01. Posto: ( ) Major ( ) Ten Cel ( ) Coronel

02. ( ) QOPM ( ) QOS

03. Quantos anos de serviço ativo V Sa tem hoje ? \_\_\_\_\_

04. Conhece um autor alemão chamado von Clausewitz ?

( ) Sim, já li obra(s) dele ( ) Sim, ouvi falar ( ) Não conheço

05. Já leu alguma das obras abaixo, sobre estratégia militar ?

( ) “Da Guerra” ( ) A Arte da Guerra ( ) Outras : \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

06. As obras acima foram indicadas por:

( ) Instituição de ensino da Polícia Militar ( ) Faculdade civil ( ) Amigos

Outros: \_\_\_\_\_

07. Classifica a importância da estratégia para as ações de polícia ostensiva como:

( ) Essencial ( ) Importante ( ) Pouco relevante ( ) Dispensável

08. Considera as atuais técnicas de policiamento utilizadas pela PMGO suficientes para alcançar os objetivos estabelecidos?

( ) Sim ( ) Não

## APÊNDICE – B FIGURAS

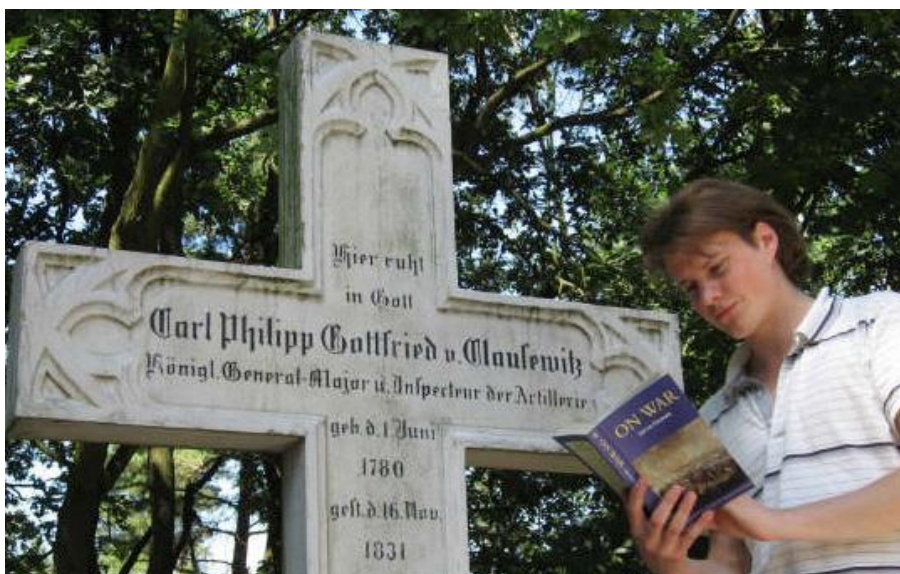


Figura 1- Lápide de von Clausewitz  
Fonte: Imagem retirada da internet



Figura 2 - Brasão de Família Clausewitz  
Fonte: Imagem retirada da internet



Figura 3 : Busto de von Clausewitz  
Fonte : Imagem retirada da internet